

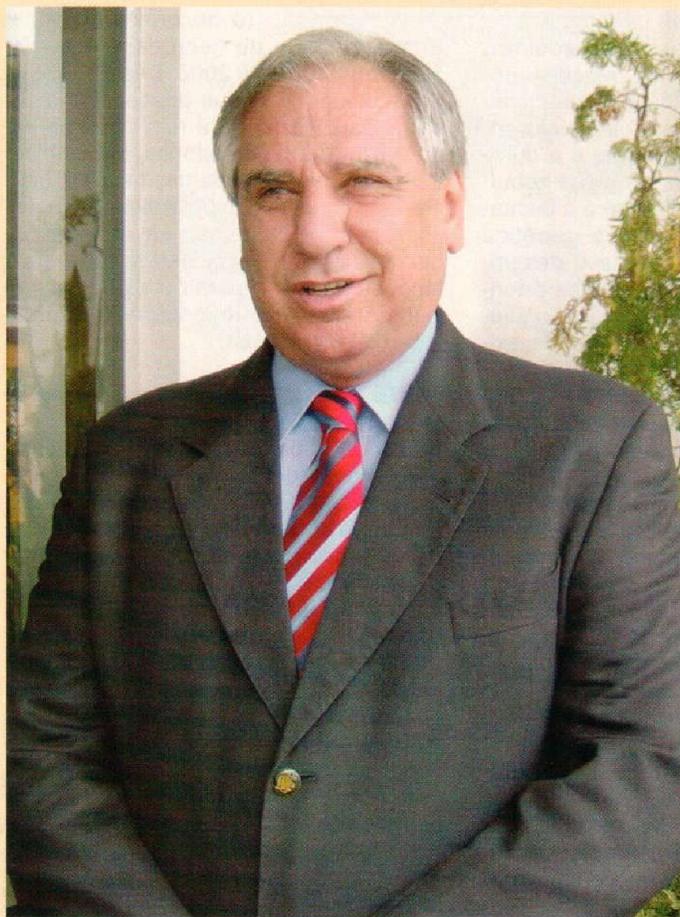
Novos desafios para a pesquisa

Aumentar a produtividade animal e por área; reduzir a dependência de insumos importados e criar alternativas de alimentação para os bovinos são os principais desafios da pesquisa para os próximos anos

RUBENS NEIVA

O pesquisador Duarte Vilela assumiu, no dia primeiro de setembro, a chefia geral da Embrapa Gado de Leite, de Juiz Fora-MG. Ele tem uma vasta experiência no agronegócio. Recentemente, foi coordenador geral de Apoio às Câmaras Setoriais e Temáticas, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, e secretário-executivo do Conselho do Agronegócio no mesmo ministério. Vilela foi também assessor da FAO (órgão das Nações Unidas para agricultura e alimentação), assessor do CNPq, conselheiro técnico da Associação Brasileira de Criadores de Zebu e participou ativamente em diversas instituições de fomento à pesquisa agropecuária.

Sua trajetória profissional está vincu-



lada à Embrapa Gado de Leite, onde ingressou em 1976. Nesta instituição, ele exerceu diversas funções, inclusive, a de chefe geral (de 2000 a 2004). De volta ao cargo, num processo de seleção que envolveu outros dois candidatos, Vilela se diz feliz por comandar, mais uma vez, a pesquisa em bovinocultura de leite da instituição. Em sua casa, em Juiz de Fora-MG, ele recebeu a reportagem de **Balde Branco**. Falou sobre os atuais desafios do setor, das dificuldades que irá encontrar à frente da instituição e do futuro do agronegócio do leite no Brasil.

desenvolvem, principalmente, as unidades da Embrapa, que trabalham com produção animal.

BB - Quais as áreas da pesquisa que mais merecerão destaque?

DV - Vamos incentivar, principalmente, as pesquisas em biotecnologia, nanotecnologia, fisiologia, zootecnia de precisão e modelagem. Aproveitaremos ao máximo o instrumental que a Embrapa construiu com a recente contratação de especialistas nestas áreas. Outro destaque será dado à inovação tecnológica

Balde Branco - Qual será a marca da sua segunda gestão à frente da Embrapa Gado de Leite?

Duarte Vilela - Iremos buscar a conexão nas ações de pesquisa. Nosso trabalho irá se apoiar em parcerias e atividades em rede, com envolvimento interinstitucional e interdisciplinar. Nosso objetivo é alcançar a convergência das ações que as diversas instituições de pesquisa

no que se refere ao melhoramento vegetal e animal. Reforçaremos a equipe de geneticistas moleculares e quantitativos. É importante lembrar que a pesquisa em bovinocultura de leite também será cobrada por respostas relacionadas ao aquecimento global. Precisamos de uma equipe forte para desenvolver estudos que identifiquem genes resistentes a estresses bióticos e abióticos. Identificar genes de importância econômica, relacionados ao estresse calórico e a influência ambiental será uma de nossas metas.

BB - Nesse sentido, o que envolve as raças leiteiras de sangue zebuino?

DV - Especificamente, no que diz respeito às raças zebuínas, há um grande gargalo da pesquisa sobre a eficiência econômica de produção de leite desses bovinos. O intervalo entre partos é muito prolongado e a duração da lactação é curta. As raças zebuínas são muito importantes para a pecuária de leite nos trópicos e a genética molecular pode melhorar o seu desempenho. Completando, deveremos priorizar também a nutrição animal. É inquietante sermos reféns das tabelas de exigência nutricional dos países de clima temperado. Essas tabelas superestimam as exigências dos animais em condições tropicais. Cabe à Embrapa desenvolver uma tabela para as condições brasileiras. Sobre sanidade, necessitamos dar grandes saltos nos estudos da glândula mamária bovina. A mastite ainda é um problema relevante para a pecuária de leite nacional. Não podemos descuidar, também, das pesquisas que fortaleçam o combate a endo e ectoparasitos.

BB - Do ponto de vista administrativo, quais os desafios?

DV - No plano institucional, buscaremos diversas inovações. Algumas estão ligadas aos Núcleos Regionais, criados na minha primeira administração. Os Núcleos são uma forma de descentralizar a pesquisa e a transferência de tecnologia, expandindo nacionalmente os resultados da Embrapa Gado de Leite. Precisamos rever a atuação dos Núcleos e estabelecer outros em regiões que necessitam de suas ações. Iremos criar, por exemplo, o Núcleo Regional Norte. Há uma grande deficiência na produção de leite no norte do País, que carece de um trabalho intenso de capacitação e transferência de tecnologia. O Núcleo Sul será reforçado. O grande crescimento da produção de leite na Região Sul nos obriga a investigar um modelo de produção mais adequado para o oeste do Paraná e Santa Catarina

e o noroeste do Rio Grande do Sul. A Embrapa Gado de Leite precisa ainda ter um ponto de referência em São Paulo, já que tudo no Brasil passa por esse estado. Grandes parceiros da Embrapa Gado de Leite estão em São Paulo e pretendemos incrementar a capacidade de parceria da unidade para ajudar a captar recursos e desenvolver projetos.

As raças zebuínas são importantes para o leite nos trópicos, e a genética molecular pode melhorar o seu desempenho

BB - A Embrapa está incentivando a aposentadoria dos seus técnicos e pesquisadores. Isso pode comprometer os seus planos?

DV - O desligamento incentivado teve início em 2005 e terminará no próximo ano. A

Embrapa Gado de Leite deverá perder 52 empregados até 2009. Destes, 20 são pesquisadores. O que precisamos fazer daqui para frente para minimizar os impactos das aposentadorias é identificar bem as prioridades da pesquisa na hora de realizar novas contratações. Além disso, com um quadro mais enxuto, não podemos desviar pesquisadores de suas funções principais para realizar ações de transferência de tecnologia e capacitação de produtores.

BB - Desta forma, a transferência de tecnologia não seria prejudicada?

DV - Nós pensamos nisso. Para compensar essa deficiência, estamos trabalhando na criação do Núcleo de Treinamento, Transferência de Tecnologia e Capacitação. Este Núcleo irá aproveitar a experiência e a competência dos empregados recém-aposentados, tanto da Embrapa Gado de Leite quanto de outras unidades da Embrapa. Assim, teremos estrutura para fazer um trabalho corpo a corpo de capacitação, utilizando uma mão-de-obra altamente especializada, que é a dos aposentados. Há que se realçar que as metodologias utilizadas até hoje para transferir tecnologias e capacitar produtores têm sido inócuas. Um exemplo são os programas de melhoria da qualidade do

Se incrementarmos a produtividade por área, a produção de leite será aumentada e se disponibilizarão áreas para grãos e agroenergia

leite, que tiveram poucos avanços. Considerando apenas as análises feitas pelo Laboratório de Qualidade Embrapa Gado de Leite, com cerca de 450 mil amostras por ano, 56% não se enquadram nas exigências da Instrução Normativa 51 para contagem de células somáticas e contagem bacteriana. Para alcançarmos os padrões exigidos, temos que estabelecer uma rede de capacitação, com ações conjuntas da Embrapa, Mapa, Ministério

do Desenvolvimento Agrário, Ministério da Ciência e Tecnologia, Sebrae, empresas privadas etc. Unindo esforços, criando um programa de boas práticas na fazenda, poderemos acompanhar, certificar e rastrear a produção de leite no Brasil.

BB - A respeito da rastreabilidade, como está a pecuária de leite em relação à de corte?

DV - Do ponto de vista da rastreabilidade, o rebanho de corte é muito mais complexo do que o leiteiro. Apenas 20% do efetivo bovino nacional é destinado à produção de leite. Além disso, a migração na pecuária de corte é muito maior, já que o comércio entre produtores é mais dinâmico. Mas a rastreabilidade é uma exigência do mercado internacional, e temos que respeitá-la. Não se encontrará muita dificuldade em rastrear o efetivo do rebanho de leite. As raças que são registradas, por exemplo, já contam com alguma forma de rastreabilidade. As associações de produtores detêm tais informações. É necessário organizar estas informações para termos um banco de dados efetivo e estarmos preparados para atender às exigências do mercado.

BB - Aproveitando que o sr. falou de aquecimento global, pergunto: há como aumentar a produção leiteira sem tornar ainda mais grave o problema ambiental?

DV - A gestão ambiental terá papel central nas ações da Embrapa Gado de Leite. Teremos a responsabilidade de viabilizar a construção de uma pecuária efetivamente sustentável, priorizando projetos que avaliem os impactos da atividade leiteira no meio ambiente e minimizem tais impactos. E há como expandir a produção de forma ambientalmente correta. Um exemplo: temos praticamente 220 milhões de ha de pastagens, dos quais, 176 milhões são pas-

tagens que se encontram com algum grau de degradação. Em alguns casos há, inclusive, degradação do solo. Se considerarmos somente o Brasil Central, são 60 milhões de ha com algum processo de degradação. Paralelamente a isso,

nossa produtividade é muito baixa. Um desafio sustentável e ambientalmente correto é melhorar a estrutura dessas pastagens, incrementando a produtividade por área. Desta forma, se aumenta a produção de leite ao mesmo tempo em que se disponibiliza mais áreas para produção de grãos e agroenergia. A intensificação do sistema de integração lavoura/pecuária/florestas é, por exemplo, uma forma de se recuperar

pastagens degradadas, aumentando a produção.

BB - *Quais as diferenças conjunturais que existem hoje no setor, em comparação com a situação de oito anos atrás, na época em que o sr. assumiu pela primeira vez a chefia geral da Embrapa Gado de Leite?*

DV - O Brasil passou de importador para exportador de lácteos. Isso ocorreu a partir de 2004. Em 2007, o preço favorável do leite alavancou a produção nacional. Antes, o produtor, tanto de leite quanto de grãos, era muito sacrificado, já que havia mais oferta do que demanda. A inversão se

deu há quatro anos, quando os estoques mundiais de alimentos se reduziram. O preço favorável do leite no Brasil é uma consequência do mercado internacional. Ainda que os valores praticados em 2008 tenham decrescido, a situação ainda é confortável para o produtor. Mas é preciso ter bastante cuidado, pois outros fatores, principalmente os relacionados ao custo de produção, podem comprometer esta estabilidade.

BB - *A propósito, como o sr. vê essa questão dos custos?*

DV - Influenciados principalmente pelo preço do petróleo, os custos de produção estão ascendentes. Para fazer frente a isso, o que a pesquisa agropecuária necessita é estudar formas alternativas para substituir os insumos importados. Deve-se também buscar novas alternativas de alimento para o rebanho. Precisamos avaliar novos produtos e subprodutos para a alimentação de ruminantes. Alimentos que não venham a competir com a alimentação humana, como soja e milho. Com relação aos fertilizantes, o Brasil é extremamente dependente do mercado internacional, comprando de fora algo em torno de 60% do que necessita, principalmente, potássio. Temos que pesquisar novas rochas para substituir os fertilizantes importados. Podemos ainda pesquisar substratos que, incorporados aos fertilizantes, os torne mais eficazes na liberação de nutrientes para o solo. Esta é uma prática ecológica, já que melhora a ação dos nutrientes do solo, contaminando menos o meio ambiente. Alguns países como a Nova Zelândia e a Austrália estão à frente do Brasil nestes estudos.

BB - *Como pesquisador, o sr. realizou experimentos com a alfafa. O que pensa a respeito dessa forrageira?*

DV - É necessário que se tenha muita clareza sobre quem vai desenvolver pes-

quisas com a alfafa e onde elas serão realizadas. Na Zona da Mata Mineira, onde fica um dos nossos campos experimentais, por exemplo, há grande dificuldade em se cultivar alfafa. Já em São Paulo, a Embrapa Pecuária Sudeste tem chances de desenvolver bons projetos. É necessário, antes de tudo, definir uma rede que trabalhe com a pesquisa de alfafa, estabelecendo quem faz o quê. Há dois fatores que precisam ser

levados em conta. Primeiro, existe uma grande dificuldade de difusão da cultura da alfafa. Há muito tabu em torno dessa forrageira. Um deles diz que a alfafa é um produto para cavalo e só é produzido na região Sul do Brasil. Isso não é uma verdade, logo, precisa-

mos fazer um trabalho de divulgação da cultura. Em segundo lugar, estão as dificuldades inerentes à própria cultura, como o controle de invasoras e o alto custo de produção. Problemas que a pesquisa precisa investigar e solucionar.

BB - *O sr. acha que os atuais conceitos de produção de leite a pasto deverão persistir nos próximos anos?*

DV - Os custos de produção é que irão definir qual sistema será mais viável em curto e médio prazo, em função da sua localidade. Hoje, é inviável pensar em um sistema de produção de leite a pasto perto dos grandes centros consumidores. Faz vários anos que o leite tem sido empurrado para novas fronteiras, principalmente, para as regiões central e oeste do País. O leite está se assentando em locais distantes dos grandes centros. Na região centro-sul, os sistemas confinados deverão permanecer. Realça-se que ainda há bastante espaço para os dois tipos e sistemas no Brasil. Tudo depende da sua localização. Ratificando: o preço do leite, os custos da terra, da mão-de-obra e dos insumos são que determinam o sistema de produção de leite a ser empregado. Hoje, quando os preços internacionais do produto estão satisfatórios, os sistemas confinados podem prevalecer sobre os sistemas a pasto, pois

o preço pode encobrir ineficiências do modelo. O sistema de produção confinado tem que ser extremamente eficiente. Já o sistema a pasto é menos vulnerável aos ditames do mercado internacional, por ter um custo de produção mais baixo.

BB - *Em curto prazo, quais as perspectivas para o setor leiteiro?*

DV - Este ano, a produção brasileira deverá ficar em torno de 27 bilhões de li-

tros. No ano passado, o Brasil exportou 2,3% da sua produção, cerca de 600 milhões de litros. Este ano, as exportações podem chegar a um bilhão de litros. Comparativamente, menos do que o percentual do crescimento registrado da produção, o que tornará o setor refém do consumo interno. O grande escoamento da produção nacional ainda é para consumo interno, o leite é extremamente vulnerável ao mercado doméstico. Uma grande redução no consumo interno, seja por causa da inflação, seja pela diminuição da renda familiar ou pela deficiência de programas governamentais é capaz de comprometer todo o trabalho desenvolvido nos últimos anos, no sentido de estimular e aumentar a produção. Para garantir alguma estabilidade, necessitamos de um trabalho de marketing que incentive o consumo interno de lácteos, além de ampliar os programas sociais.

BB - *Como o sr. avalia hoje a disponibilidade de recursos para a pesquisa no País, mas especificamente para Embrapa Gado de Leite?*

DV - As dificuldades serão enormes. Sempre tivemos problemas em relação ao orçamento da unidade. Este é um grande gargalo. Com relação aos recursos, a esperança que temos é o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) da Embrapa, prometido pelo Governo Lula, que está sendo implantado a partir deste ano. O PAC Embrapa significa um incremento de R\$ 500 milhões por ano no orçamento global da instituição. Isso poderá ter um reflexo substancial para todas as unidades da Empresa. Mas a grande preocupação é o fluxo de recursos. Como nós trabalhamos com produção animal e dependemos todos os dias de dinheiro para alimentar o rebanho, o fluxo de recursos ainda é um sério problema.

O preço do leite, os custos da terra, da mão-de-obra e dos insumos determinam o sistema de produção a ser empregado

BB - *Para finalizar, como o sr. vislumbra o futuro do setor leiteiro em curto e médio prazo?*

DV - Acredito que o setor crescerá segundo as taxas que está crescendo hoje, entre 4% a 5% ao ano. O mundo

leiteiro continuará crescendo, principalmente, os países asiáticos, e vai continuar consumindo muito leite. Para abrir novos e grandes mercados, que absorvam nossa demanda, precisamos diminuir as barreiras não-tarifárias, que envolvem problemas de sanidade, rastreabilidade, qualidade do leite etc. Se fizermos nosso "dever de casa", a pecuária de leite no Brasil terá um caminho promissor para os próximos anos. ■

BALDE BRANCO



BALDE BRANCO

Troféu Agroleite para a melhor revista do setor leiteiro, pela sétima vez!

Como é produzir leite na Suécia

O Brasil e o comércio mundial de lácteos

Como vai a saúde de nossos ordenhadores

O potencial leiteiro das vacas mestiças

RAÇA

Um novo criatório Jersey põe as caras no mercado em Minas. Sua proposta de criar animais funcionais, valorizando tipo e produção, já é destaque entre criadores